



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

Kethelyn Lay Basílio Nunes de Brito

**ANÁLISE DE CONTEÚDO PRODUZIDO NO INSTAGRAM
POR JOVENS E ADULTOS AUTISTAS**

Orientador(a): Prof.^a. Dr.^a. Thereza Sophia Jácome Pires

João Pessoa - PB
2024

KETHELYN LAY BASÍLIO NUNES DE BRITO

**ANÁLISE DE CONTEÚDO PRODUZIDO NO INSTAGRAM
POR JOVENS E ADULTOS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.^a. Dr.^a. Thereza Sophia Jácome Pires

Aprovado em: 18 / 10 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Thereza Sophia Jácome Pires
(Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a. Lilian Kelly de Sousa Galvão (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862a Brito, Kethelyn Lay Basilio Nunes de.
Análise de Conteúdo produzido no Instagram por jovens
e adultos autistas / Kethelyn Lay Basilio Nunes de
Brito. - João Pessoa, 2024.
31 f. : il.

Orientação: Thereza Sophia Jácme Pires.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Autismo. 2. Ativismo. 3. Instagram. 4. Análise de
conteúdo. I. Pires, Thereza Sophia Jácme. II. Título.

UFPB/CE

CDU 616.896(043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

RESUMO

O *Instagram* é uma rede social que surgiu em 2010, para fins pessoais, como compartilhar fotos e vídeos. Contudo, com o passar dos anos tornou-se também um veículo comercial, de criação de conteúdos e de defesa de causas, como o ativismo autista. Nesta rede, os conteúdos formais e informais produzidos por autistas jovens e adultos têm aumentado de forma significativa. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que manifesta-se desde a primeira infância, e é caracterizado, principalmente, por dificuldades na comunicação e na interação social. Ao realizar uma revisão literária, observa-se que a produção acadêmica acerca do autismo centra-se, de forma privilegiada, na visão do cuidador, da criança e do profissional, negligenciando o que significa ser autista para autistas jovens e adultos. Portanto, o presente estudo teve como objetivo analisar os conteúdos que jovens e adultos autistas produzem sobre o autismo no *Instagram*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de análise documental, que adotou a coleta de dados públicos de rede social. 68 perfis foram analisados e tiveram suas postagens categorizadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin, considerando um recorte temporal de janeiro a dezembro de 2021. Após o processo de filtragem de conteúdo, 32 perfis foram escolhidos para a realização da análise de conteúdo categorial. Posteriormente, com a análise de três juízes, os resultados foram estruturados em 4 categorias que se subdividiram em: Autismo: diagnóstico, tratamento e comorbidades; Habilidades sociais e comportamentos agressivos; Inserção social: sexualidade, mercado de trabalho e direitos; e, Posts pessoais, polêmicas, críticas e preconceitos.

Palavras-chave: Autismo; Ativismo; *Instagram*; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

Instagram is a social network that emerged in 2010, for personal purposes, how to share photos and videos. However, it became a vehicle commercial, content creation and defense of causes, such as the autist activism. In this network, the formal and informal contents produced by young and adult autistics have increased in a way significant. Autism Spectrum Disorder (ASD) is a disorder of neurodevelopment, which manifests itself from early childhood, and is characterized mainly by difficulties in communication and in social interaction. However, it is observed that academic production about autism focuses, in a privileged way, on the vision of the caregiver, child and professional, neglecting what it means be autistic for young and adult autistics. Given the above, the present study aimed to analyze the contents that young people and adults autists produce about autism on Instagram. It's a qualitative research, of documentary analysis, which adopted the collection of public social network data. 68 profiles were analyzed and had your posts categorized through the Content Analysis of Bardin, considering a time frame from January to December of 2021. After the content filtering process, 32 profiles were chosen to carry out the categorical content analysis. Subsequently, with the analysis of three judges, the results were structured into four categories that were subdivided into subcategories: Autism: diagnosis, treatment and comorbidities; Social skills and aggressive behaviors; Social insertion: Sexuality, religion, labor market and rights; and, Personal Posts, Controversies, criticisms and prejudices.

Keywords: Autism; Activism; Instagram; Analysis of Content.

1 INTRODUÇÃO

Em consonância com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR, 2023), o Transtorno do Espectro Autistas (TEA) consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de padrões recorrentes e restritos de predileções e comportamento.

Nesse contexto, o DSM-5-TR (2023) categoriza o quadro diagnóstico do TEA, através de três categorias de especificadores: (1) níveis de gravidade, fundamentado nos prejuízos comportamentais e de comunicação, sendo eles: nível 1 (exige suporte); nível 2 (exige suporte substancial) e nível 3 (exige muito suporte substancial); (2) especificar se existe ou não comprometimento intelectual e/ou de linguagem coexistente; (3) especificar se o transtorno está diretamente associado a uma condição genética ou médica, ou a um fator ambiental ou associa-se a uma modificação no neurodesenvolvimento.

De acordo com Mercado (2022), o diagnóstico precoce do TEA na primeira infância favorece e potencializa a intervenção precoce, que atua na assistência direta à criança, visando o desenvolvimento da linguagem, comportamentos e habilidades necessárias para a interação e integração no contexto social ao qual está inserida. Desse modo, o diagnóstico é imprescindível para o processo de reconhecimento do que o paciente necessita para um tratamento seja compatível com as suas demandas (Alves, 2024).

Contudo, em consonância com Alves (2024), o diagnóstico realizado em adultos autistas demanda uma abordagem sensível ao contexto social e emocional que o paciente se encontra, tendo em consideração sua história de vida e os mecanismos de adaptação adquiridos. Além disso, a autora ressalta que o processo de diagnóstico tardio pode trazer para alguns adultos a preocupação diante da perspectiva de ser diferente, ressaltando, a necessidade do olhar sensível do profissional ao paciente.

Vale ressaltar que, em um cenário de crescente ativismo autista, o movimento da neurodiversidade traz o lema “Nada sobre nós sem nós”, no qual emerge a necessidade de produções acadêmicas direcionadas à visão do autista sobre o espectro e publicações realizadas por pessoas autistas.

Ademais, devido a consolidação constante desse panorama, é possível observar o movimento de um seletivo grupo de pesquisadores que buscam produzir pesquisas com enfoque na perspectiva dos autistas sobre o espectro. Observa-se de modo concreto, em uma pesquisa realizada na Inglaterra por Kapp e colaboradores, com um grupo de 31 autistas adultos sobre comportamentos repetitivos e estereotipados (“*stimming*”), que descreveram como movimentos confortáveis e calmantes (Kapp *et al.*, 2019).

Além disso, também apresentam que os “*stimmings*” realizados pelos autistas não devem ser impedidos ou substituídos, com exceção de casos em que os machuquem, uma vez que são mecanismos de autorregulação. Em direção oposta, aos profissionais que propõem métodos para substituir ou extinguir os “*stimmings*”, visando torná-los “normais” para a sociedade (Kapp *et al.*, 2019).

Desse modo, é notório que o ativismo autista apresenta perspectivas diferentes sobre determinados assuntos sobre o autismo, como por exemplo, movimentos de pais de autistas consideram o TEA como uma patologia que apresenta a possibilidade de cura e associações como *Austim Speaks* investem em pesquisas em busca dessa cura. Enquanto, ativistas autistas defendem que as dificuldades de comunicação e interação provêm do modelo padronizado da sociedade que não abarca a diversidade (Caitité, 2017).

É nesse contexto que se fundamenta a importância deste trabalho, através da ampliação e contribuição com as referências sobre a temática, uma vez as pesquisas acadêmicas sobre o autismo são centralizadas, de modo privilegiado, na perspectiva da família, da criança e dos profissionais sobre a experiência autista, negligenciando de modo direto o que significa ser autista para jovens e adultos autistas (Abraça, 2019; Thibault, 2014).

Nessa conjuntura, este trabalho trata-se de uma análise documental que tem como objetivo principal analisar a produção de conteúdo no *Instagram* sobre o tema autismo por jovens e adultos autistas brasileiros. Dentre os objetivos específicos, buscou-se, (1) categorizar os conteúdos produzidos no *Instagram* por jovens e adultos autistas e (2) analisar os conteúdos produzidos no *Instagram* por jovens e adultos autistas.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTAS EM JOVENS E ADULTOS

Consoante a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), o TEA apresenta uma etiologia que permanece imprecisa, sendo uma combinação de fatores ambientais e genéticos. Desse modo, a SBP (2019) orienta que o diagnóstico deve acompanhar os critérios diagnósticos estabelecidos no âmbito internacional — através dos manuais diagnósticos como DSM-V-TR —, possuir uma avaliação completa e usar escalas de rastreio validadas.

Outrossim, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2023) expõe que o processo diagnóstico, promove um resultado mais significativo e confiável quando está fundamentado em diferentes perspectivas, para além dos testes e escalas validadas, como o autorrelato, observação clínica, relato e história do cuidador.

De acordo com Zwaigenbaum *et al* (2019), há sintomas comumente perceptíveis que são atrelados ao TEA, como: prejuízo no contato visual, falas ou comportamentos repetitivos, temperamentos difíceis, dificuldade ou ausência na interação social e na comunicação, atraso na linguagem, esses sinais podem ser identificados na primeira infância, no período de 12 a 24 meses. Assim como, anterior aos 12 meses, caso o atraso seja significativo e posterior aos 24 meses, se os atrasos no desenvolvimento se apresentarem de maneira sutil (DSM-V-TR, 2023).

Nesse sentido, o comprometimento funcional pode ser percebido em diferentes fases do desenvolvimento, uma vez que depende do indivíduo e do ambiente. Sendo assim, a maneira como o transtorno se expressa varia de acordo com o nível de suporte, nível de desenvolvimento e idade cronológica (DSM-V-TR, 2023).

Nos casos de diagnósticos em jovens e adultos, o prejuízo funcional torna-se menos evidente, tendo em vista que, os indivíduos desenvolvem estratégias para os desafios do cotidiano e anulam os comportamentos repetitivos e estereotipados quando estão em público (DSM-V-TR, 2023).

Além disso, comorbidades psiquiátricas, como transtorno de ansiedade social e transtorno obsessivo-compulsivo podem mascarar os sinais e sintomas característicos do transtorno (Menezes, 2020). Ademais, a busca pelo diagnóstico na fase adulta pode se iniciar através de diagnóstico de TEA em crianças da

família ou através do rompimento de relacionamentos profissionais ou afetivos (DSM-V-TR, 2023).

2.1 AUTISMO: DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E COMORBIDADES

Em concordância com Menezes (2020) e Shaw *et al.* (2021), o diagnóstico tardio está diretamente relacionado a questões socioeconômicas e étnicas, o acesso à saúde para o processo de diagnóstico e intervenção, falta de conhecimento específicos acerca do transtorno pelos profissionais de saúde, doenças e/ou transtornos comórbidos, falta de políticas públicas e implementação, além do escasso acesso à informação e baixa escolaridade de familiares.

Com base nas considerações de Caparroz e Soldera (2022), o diagnóstico de TEA modifica a estrutura financeira, emocional e a rotina familiar. Dado que, a família exerce um papel fundamental de mediador entre a criança e o ambiente, de modo que as vivências parentais influenciam diretamente na interação com o meio, para o autista as relações de interação devem ser analisadas, readaptadas e equilibradas para seu melhor desenvolvimento (Caparroz; Soldera 2022).

Para Freitas e Revoredo (2022), todo diagnóstico de autismo realizado após a primeira infância e os primeiros anos de vida escolar é considerado tardio, ou seja, fora do período proposto. Por isso, o diagnóstico em jovens e adultos é sempre classificado como tardio.

Desse modo, Silva, Araújo e Dornelas (2020) sustentam que a ausência do diagnóstico precoce influencia de modo negativo o bem estar e qualidade de vida do indivíduo, já que, identificação dos sinais na primeira infância possibilita ao paciente diversas perspectivas de adaptação, habilitação e reabilitação evitando os comprometimentos funcionais que prejudicam o desenvolvimento global do indivíduo.

Em concordância com o exposto, o diagnóstico precoce facilita o início do processo interventivo, que promove o desenvolvimento do aprendente em diversas áreas. Além de proporcionar à família, um ambiente menos estressante e ansioso (Mercado, 2022; Silva, 2022).

Por conseguinte, o atraso global do desenvolvimento pode acarretar na hipersensibilidade sonora e visual, incapacidade ou ausência na socialização,

atraso cognitivo, regressão cognitiva e inadequação a diferentes ambientes (Santos *et al.*, 2018 *apud* Silva *et al.*, 2020).

Além disso, segundo Menezes (2020), a falta de tratamento nos estágios iniciais de descoberta do transtorno pode provocar agravos na memória operacional, nas funções executivas, atenção, memória episódica e na velocidade de processamento cognitivo.

Conforme Florêncio e Cavalcanti (2023), para que o tratamento do autismo seja bem sucedido, a intervenção deve ser multidisciplinar: Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicopedagogia, Musicoterapia, Hidroterapia, Arteterapia, Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e o uso de diferentes programas educacionais.

2.2 HABILIDADES SOCIAIS E COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS

Hoffman (1996; 2000) destaca que há duas definições para empatia: a primeira define empatia como a consciência cognitiva dos pensamentos, sentimentos e percepções do outro; já a segunda perspectiva define empatia como resposta afetiva, multideterminada e direta à dor do outro (Bayram; Holmes, 2020).

Butera e colaboradores (2022) destacam que indivíduos com TEA geralmente apresentam dificuldades em compreender a intenção e processamento empático, que consistem em habilidades essenciais para o seu desenvolvimento emocional e social. Déficit percebido especialmente no que se refere a empatia cognitiva no TEA (Shi *et al.* 2020).

Consoante a literatura, comportamentos agressivos são geralmente apresentados por crianças autistas e podem permanecer na idade adulta (Almeida *et al.*, 2021; Gadia, Tuchman e Rotta, 2004; Lima, 2021).

Esses episódios de autoagressão ou heteroagressão podem ser ocasionados por sentimentos de frustração e ansiedade ou como um meio de defesa frente a sobrecarga sensorial ou devido a inabilidade de evitar determinados estímulos e na comunicação (Almeida *et al.* 2021; Santos, 2022). Ademais, esse déficit no comportamento impacta diretamente na adaptação social da pessoa autista (Gadia; Tuchman; Rotta, 2004; Queiroz; Garcia, 2022).

3 ATIVISMO AUTISTA

Segundo Lopes (2020), surge no Brasil, na década de 1980, associações de pais e mães de autistas — como, a Associação de Amigos Autistas (AMA) em 1983, no estado de São Paulo e Associação de Pais de Autistas do Rio de Janeiro (APARJ), em 1985 — inspiradas por associações análogas em outros países (Lopes, 2024).

Nessa circunstância, o ativismo manifesta-se como uma mobilização política sobre a temática no país, com objetivo de usar a mídia para disseminar e produzir conteúdos sobre o autismo, auxiliar familiares e reivindicar do Estado políticas públicas efetivas (Lopes, 2020).

À vista disso, a internet favoreceu a construção de vínculos entre os indivíduos diagnosticados com TEA, e também com as organizações de apoio aos pacientes, além disso, facilitou o movimento no qual a autoridade absoluta de profissionais e familiares são reconsideradas. Entretanto, apenas em 2010, por intermédio das redes sociais, como o *Instagram* teve início o ativismo autista, com a produção de conteúdo realizada por autistas (Abreu, 2021; Caitité, 2017).

O *Instagram* é uma rede social que surgiu em 2010, para fins pessoais, como compartilhar fotos e vídeos. Contudo, tornou-se uma rede social amplamente utilizada para fins comerciais, criação de conteúdos e defesa de causas, como o ativismo autista.

Nesta plataforma, os conteúdos formais e informais produzidos por autistas jovens e adultos têm aumentado de forma significativa. Outrossim, o ativismo digital ou ciberativismo, é um modo específico de ativismo que consiste no uso da internet, das redes sociais por movimentos políticos para abordar suas temáticas (Filho; Coutinho, 2016).

Nessa perspectiva, o movimento da neurodiversidade traz o lema “Nada sobre nós sem nós”, adotado de maneira internacional por diversos ativistas desde meados da década de 1970.

Além de retratar a motivação primária desse movimento, requerem o reconhecimento da autonomia e independência de pessoas com deficiência e a sua liberdade e capacidade de participar de modo ativo nos processos que exigem escolha e posicionamento sem interferência de terceiros (Rios, 2017).

De acordo com Abreu (2021), a socióloga autista australiana Judy Singer é responsável pelo termo *Neurodiversidade* atrelado ao movimento ativista autista. Desse modo, a Neurodiversidade consiste na premissa de que transtornos como TEA e TDAH, são variações do cérebro humano contrapondo a ideia de cura do autismo defendida por algumas associações de pais e mães de autistas (Carnielli, 2021; Caitité 2017).

3.1 INSERÇÃO SOCIAL: SEXUALIDADE, MERCADO DE TRABALHO E DIREITOS

Conforme supracitado, para Rios (2017) o movimento da Neurodiversidade provoca na sociedade a necessidade de reconhecer as pessoas com deficiência como sujeitos sociais, livres, dotados de autonomia e capacidade de julgar e tomar decisões pertinentes em todas as esferas da sua vida sem a mediação de terceiros.

No entanto, apesar do Brasil possuir uma legislação específica, como o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 e a Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que prevêem todos os direitos da pessoa com deficiência em qualquer âmbito social, continua discrepante a quantidade de indivíduos presentes nesses espaços em comparação às pessoas sem deficiência (Resende e Vital, p. 18, 2008).

Em consonância com a literatura, é possível observar essa disparidade no levantamento de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) voltada para pessoas com deficiência, realizado no terceiro trimestre de 2022, pela Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNDPD) em parceria com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com os dados, uma a cada quatro crianças com deficiência não concluiu o Ensino Básico, sendo a taxa de analfabetismo 19,5% enquanto a taxa entre pessoas sem deficiência foi de 4,1%. Em relação ao Ensino Médio apenas 25,6% das pessoas com deficiência tinham concluído (PNAD, 2022).

Esse cenário piora na academia, apenas 7% desse contingente populacional concluiu o Ensino Superior, ao passo que a porcentagem de pessoas sem deficiência foi de 20,9%. Sobre o mercado de trabalho, entre 17,5 milhões de

pessoas com deficiência em idade para trabalhar, apenas 5,1 milhões estão na força de trabalho. Diante do exposto, a pesquisa evidencia a constante luta para o comprimento daquilo que está previsto em lei, a inserção e inclusão integral do indivíduo com deficiência na sociedade (Conceição; Escalante; Silva, 2021).

Ademais, a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 institui como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, popularmente conhecida como LBI, prevê assegurar e proporcionar, de maneira igualitária os direitos e liberdades fundamentais para a cidadania, inclusão e inserção social da pessoa com deficiência.

Para além de direitos básicos como moradia e acessibilidade, a presente legislação apresenta perspectivas a respeito da sexualidade e mercado de trabalho, uma vez que, é comum no meio social e entre as famílias não compreenderem o interesse em romance e sexualidade. Afora a premissa de que pessoas com deficiência são incapazes de estarem inseridas no mercado de trabalho e manter um relacionamento amoroso (Brilhante *et al.*, 2021).

De acordo com Conceição, Escalante e Silva (2021), o pressuposto de incapacidade atrelado a pessoas com deficiência é um tabu social, no qual está sendo desmistificado principalmente através das redes sociais e em outros meios de comunicação.

Nesse contexto, a literatura traz a sexualidade como um construto indispensável para a construção da identidade e se expõe na sociedade doravante a interação e vivência do indivíduo com o meio (Zerbinati; Bruns, 2017).

Sobre o mercado de trabalho, a LBI prevê a habilitação e reabilitação profissional de modo a proporcionar o ingresso e a permanência no mercado de trabalho, assim promovendo a autonomia dos autistas. Sendo assim, é papel do Estado promover e implementar serviços e programas que possibilitem a integração dos autistas no mercado de trabalho, também é dever da família contribuir com esse cenário visando a independência do indivíduo (Mello, 2001).

Outrossim, em uma entrevista realizada por Cris Olivette em 2018, com Eliane Demitry gerente de Recursos Humanos na SAP (System Analysis Program Development em português Desenvolvimento de Programas para Análise de Sistema), sobre a contratação de pessoas com TEA. A gerente retrata as vantagens sobre essas contratações, como: novas perspectivas para o processo criativo, atrair

e explorar os talentos e habilidades que contribuem para o sucesso em diversos objetivos da empresa.

3.2 POSTS PESSOAIS, POLÊMICAS, CRÍTICAS E PRECONCEITOS

Neumeier (2018) destaca a luta de pessoas autistas contra a desinformação sobre a neurodiversidade presente em campanhas que aumentam os estereótipos, desumanizam em nome da “conscientização”, além de profissionais, pesquisadores e pais desconsiderarem ou contradizem conceitos centrais.

Nesse sentido, o movimento da neurodiversidade levanta críticas ferrenhas sobre o uso de termos como, “sair do espectro” e “anjo azul”, que fomentam a ideia de cura do TEA e a visão celestial e inocente do autista. Para além disso, difundem estereótipos capacitistas que contrapõem a ciência.

Por outro lado, a literatura expõe que não há cura para o autismo e o foco interventivo deve acontecer nas demandas comportamentais visando o desenvolvimento da autonomia (Fernandes; Silva, 2023; Mozel, 2023). Conforme supracitado, o termo “anjo azul” remete a uma perspectiva angelical e infantil da pessoa com deficiência a colocando em um papel de incapaz de ter autonomia em todas as áreas da sua vida (Alves, 2021; Brilhante *et al.*, 2020).

O conceito de capacitismo adotado neste trabalho será de o Vendramin (2019), que o conceitua como o julgamento das pessoas com deficiência como incapazes devido à sua condição física. Conforme dito anteriormente, o capacitismo está presente na sociedade por intermédio de conhecimentos do senso comum de tudo aquilo que é diferente do padrão social (Sartorelli, Fonseca e Pinto, 2023).

4 MÉTODO

O presente trabalho provém de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) iniciado em 2021 com término em 2022. É caracterizado como pesquisa de análise documental e coleta de dados públicos de rede social (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011). A referida abordagem possibilita analisar os dados de uma determinada comunidade em um contexto específico, neste caso, a comunidade autista no *Instagram*. Além de possibilitar a descrição de suas respectivas características, dentro da temática escolhida.

Para a coleta de dados, buscou-se por perfis no *Instagram* de jovens e adultos autistas, brasileiros, que produziam conteúdos acerca do autismo na rede social supramencionada. Desse modo, para o processo de seleção e coleta das páginas, foram aplicados descritores como “autismo”, “TEA”, “atípico”, “neurodiverso”, entre outros semelhantes. Após a seleção, efetuou-se a filtragem dos perfis, os quais foram descartados aqueles que não eram administrados por pessoas autistas, os infantis, os de caráter privado e os que não produziam conteúdo sobre autismo.

Após a aplicação dos filtros de seleção, 68 perfis foram considerados aptos para o processo de análise do conteúdo. Para a formação do corpus de análise da pesquisa — dentro do recorte temporal de janeiro a dezembro de 2021 —, as legendas das publicações dos perfis selecionados foram transcritas na íntegra em arquivo Word, desconsiderando vídeos, *stories* e *reels*.

O corpus foi lido e analisado por três juízes que selecionaram os perfis com maior relevância na produção de conteúdo sobre autismo. Após o processo de filtragem de conteúdo, 32 perfis foram escolhidos para a realização da análise de conteúdo categorial.

A organização dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que conduz descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que favorecem a reinterpretação das mensagens em um nível que busca exceder a leitura comum (Moraes, 1999). Nessa conjuntura, possibilitou-se a formação de categorias temáticas construídas a partir da colaboração de juízes, que definiram a pertença dos conteúdos às categorias, com índice de concordância de, no mínimo, 2 para 1.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com fundamento no procedimento metodológico preconizado por Bardin (2011), os dados coletados dos perfis foram organizados em quatro categorias temáticas, compostas por subcategorias: Autismo: diagnóstico, tratamento e comorbidades; Habilidades sociais e comportamentos agressivos; Inserção social: sexualidade, religião, mercado de trabalho e direitos; e, Posts pessoais, polêmicas, críticas e preconceitos.

5.1 AUTISMO: DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E COMORBIDADES

A categoria “Autismo: diagnóstico, tratamento e comorbidades” foi organizada em três subcategorias: “Diagnóstico” reuniu relatos sobre a descoberta e evolução do processo diagnóstico; “Tratamento” com publicações que relatam os tipos de tratamento para o TEA com explicações sobre a eficácia das intervenções na qualidade de vida e bem-estar do autista; “Comorbidades” que englobou descrições das comorbidades associadas ao autismo, como o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), a depressão, ansiedade e o transtorno do processamento sensorial (TPS) (Quadro 1).

Quadro 1 – Autismo.

Autismo: diagnóstico, tratamento e comorbidades	
Diagnóstico	Perfil nº 010 “Mesmo para autistas de alto funcionamento o diagnóstico pode ser uma oportunidade para ter uma melhor compreensão própria e assim manejar as condições ambientais a seu favor, com mais consciência e gentileza por si.” Perfil nº 021 “As pessoas podem achar que diagnóstico tardio pode não mudar nada, mas muda sim. Além de salvar vidas, te faz finalmente se perdoar e se aceitar.” Perfil nº 002 “ (...) o diagnóstico precoce é importante para iniciar as intervenções e melhorar a qualidade de vida da criança e família.”
Tratamento	Perfil nº 002 “Alguns tipos de terapias para autistas. Terapia Ocupacional: ajuda a desenvolver as habilidades finas e as atividades da vida diária. Fonoaudiologia: Ensina a língua falada e habilidades de comunicação não verbal. ABA (Analysis Behavior Applied: Análise de Comportamento Aplicada): Terapia que usa técnicas para guiar o aprendizado e trazer mudanças no comportamento (...)” “O autismo não tem cura. Mas tem tratamento e evolução.” Perfil nº 008 “Devemos buscar tratamentos com comprovação científica que ajudem a dar mais autonomia para o indivíduo autista, sempre respeitando suas individualidades.”

Comorbidades	Perfil nº 002 “Comorbidades. O que é comorbidade? Comorbidade é o termo médico usado para descrever a junção de duas ou mais condições que acometem um indivíduo ao mesmo tempo. Pessoas autistas geralmente apresentam comorbidades como, por exemplo, TDAH e TPS (...)” “Comorbidades: Muitos autistas apresentam comorbidades como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), TPS (Transtorno do Processamento Sensorial), TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada), entre outros. Essas condições impactam experiências sensoriais, foco e emoções (...)”
---------------------	--

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Coimbra colaboradores (2020), o processo diagnóstico do TEA é complexo devido a sua etiologia poligênica, que consiste na interação variada de fenótipos e genótipos, é sobretudo clínico e deve acompanhar os critérios pré-estabelecidos internacionalmente, além do uso de escalas validadas e avaliação completa.

Além de viabilizar a intervenção precoce, na qual amplia as oportunidades de desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicológico, comportamental e social da criança autista. O diagnóstico e intervenção precoces são capazes de diminuir os níveis de estresse e ansiedade da família (Mercado, 2022; Silva, 2022).

Florêncio e Cavalcanti (2023) sustentam que o tratamento para o TEA envolve a multidisciplinaridade do processo interventivo que deve compreender a terapia cognitivo-comportamental (TCC), orientação familiar, uso de programas específicos para linguagem e comunicação.

Vale destacar também, que os tratamentos devem ser de fácil compreensão para a família, conhecidos pela equipe multidisciplinar, além de possuir avaliação estruturada e contínua, com recursos para monitorar o quadro evolutivo do aprendente (Brites; Brites, 2019).

Desse modo, são exemplos de intervenções com eficácia cientificamente comprovada: ABA (*Applied Behavioural Analysis*, em inglês) que prioriza proporcionar bem estar ao aprendente e a família, através do desenvolvimento de dificuldades previamente identificadas; o TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Communication Related Handicapped Children*, em inglês) que visa desenvolver a autonomia e independência de crianças autistas; o modelo Denver

(*Early Start Denver Model*, ESDM, em inglês), através de estratégias naturalistas intervêm nas dificuldades, contribuindo para o desenvolvimento do autista (Brites; Brites, 2019, Gonçalves *et al.*, 2021; Mellos, 2001).

Consoante a Brites e Brites (2019, p.122), aproximadamente 85% dos casos de TEA apresentam duas a cinco comorbidades associadas ao espectro. Nessa conjuntura, os autores com objetivo de facilitar a compreensão sobre o tema, classificou as comorbidades em três tipos: as comportamentais, que afetam diretamente o comportamento e o autocontrole da criança (borderline, ansiedade, fobia social, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo); as neurológicas que englobam TDAH, deficiência intelectual, transtornos de aprendizagem. Por fim, as comorbidades não neurológicas que consistem em alergias, dermatites, problemas endocrinológicos, entre outros.

Para além disso, as comorbidades associadas ao TEA, corroboram a necessidade do diagnóstico preciso e das terapias atenderem de modo específico e pertinente a cada demanda apresentada; há a possibilidade do prognóstico ser adequado ao desenvolvimento da criança (Florêncio; Cavalcanti, 2023; Machado *et al.*, 2023).

Dessa maneira, o diagnóstico precoce favorece um bom prognóstico para o paciente, ao passo que a carência do diagnóstico na primeira infância, pode agravar o quadro clínico, que impacta negativamente no desenvolvimento e qualidade de vida do paciente (Silva; Araújo; Dornelas, 2020).

A segunda categoria intitulada “Habilidades sociais e comportamentos agressivos”, é composta por duas subcategorias: “Empatia e temas correlatos”, no qual apresenta o que os jovens e adultos autistas escrevem sobre empatia e temas relacionados como luto e sensibilidade; “Agressão e temas correlatos” é a subcategoria que reuniu postagens que tratam sobre a temática de agressividade no espectro. (Quadro 2)

Quadro 2 – Habilidades sociais e comportamentos agressivos.

Habilidades sociais e comportamentos agressivos	
Empatia e temas correlatos	Perfil nº 017 “(…) Em relação a empatia, tem quem diga que autistas são apáticos, o que é um erro pois sentimos

	sim, só podemos ter dificuldade em reconhecer o que o outro sente, ainda mais quando ele não diz de forma objetiva e temos que descobrir pelas pistas sociais de seu comportamento qual sentimento a pessoa está sentindo.” “A gente se importa e muito com os outros, mas em boa parte não entendemos emocionalmente o que está acontecendo e somos sinceros ao dizer sobre isso.”
Agressão e temas correlatos	Perfil nº 002 “Meltdown (Crise): Acontece quando o ambiente em torno do autista traz sobrecarga de estímulos. Esse excesso pode se transformar em gatilho para a estrutura sensorial, fazendo com que o autista queira escapar da situação. Nesse caso, acontece uma perda temporária de controle, que pode vir acompanhada por gritos, agitação, excesso de estereotípias e, em casos mais graves, agressão.” “(…) impulsos de um indivíduo em reação a uma situação estressante, a uma frustração, sobrecarga sensorial, a algo que leve a um limite extrapolado e acontece de maneira involuntária. Se pode caracterizar por choros, gritos, agitação e auto e heteroagressão.”

Fonte: dados da pesquisa.

Como apontado por Hoffman (2000), a empatia expressa-se na capacidade que o indivíduo possui de se pôr no lugar do outro e compreender suas emoções e pensamentos, tendo a experiência adquirida por esse processo potencial de suscitar respostas pró-sociais mais congruentes com a situação do outro.

Nessa conjuntura, a empatia consiste em um construto multidimensional que se organiza em duas dimensões: cognitiva e afetiva. A empatia cognitiva se refere à capacidade do sujeito em identificar e compreender os sentimentos, posições e preferências do outro. Enquanto, a dimensão afetiva consiste na percepção direta da dor do outro (Bayram; Holmes, 2020).

A ausência da empatia e sensibilidade, corresponde a um dos estereótipos mais enraizados no senso comum sobre o TEA, preconcepção social bastante criticada pelo ativismo autista. Em pesquisas recentemente realizadas com jovens autistas entre 8 e 17 anos, expõem que sua empatia afetiva encontra-se relativamente intacta, em contrapartida, a empatia cognitiva apresenta prejuízos em comparação com indivíduos neurotípicos (Butera *et al.*, 2022; Shi *et al.*, 2020).

Consoante a literatura, a problemática comportamental no TEA exige bastante atenção, uma vez que interfere de maneira direta no prognóstico da inserção e interação social de autistas (Gadia; Tuchman; Rotta, 2004; Queiroz; Garcia, 2022). Posto isso, a autoagressão e a heteroagressão são comportamentos comumente presentes no espectro, e que podem perdurar durante a juventude e a idade adulta (Gadia, Tuchman e Rotta, 2004; Lima, 2021; Ribeiro *et al.*, 2023).

Ademais, Santos (2022) destaca que no decorrer de uma crise devido a frustração, desordem sensorial ou ansiedade, alguns autistas podem apresentar comportamentos de autoagressão e heteroagressão. Vale ressaltar que, comportamentos agressivos não são, necessariamente, um aspecto comum a todos os autistas (Santos, 2022).

“Sexualidade, mercado de trabalho e direitos” são as subcategorias que compõem a terceira categoria denominada “Inserção Social”, desse modo: em “Sexualidade” foram elencadas publicações sobre os relacionamentos afetivos vivenciados por pessoas autistas; “Mercado de trabalho” pertencem a essa categoria as experiências de autistas com o contexto acadêmico e o mercado de trabalho. Por fim, na subcategoria “Direitos” estão presentes as publicações que expõem o direito da pessoa com deficiência (Quadro 3).

Quadro 3 – Inserção Social

Inserção Social: sexualidade, mercado de trabalho e direitos	
Sexualidade	Perfil nº 021 “Autista e o relacionamento amoroso, o sexo. Quando a gente reclama do uso do termo anjo azul é porque a desumanização causa uma estranheza enorme para algo tão comum como o sexo.”
Mercado de trabalho	Perfil nº 007 “O Mercado de Trabalho é o que nos dá grande autonomia e precisamos falar sobre isso.” Perfil nº 026 “Se você for oferecer vagas para autistas, considere as adaptações necessárias para que possam desempenhar seu trabalho da melhor forma possível.”
Direitos	Perfil nº 026 (...) “A garantia dos direitos na lei não significa que eles sejam efetivados na prática. Não se trata de reivindicar privilégios, mas sim de construir

	possibilidades de vivência digna, equidade para acesso às oportunidades e ampliação da participação social.”
	Perfil nº 008 “Apesar do autismo não ser considerado uma síndrome ou doença, as pessoas com Autismo foram incluídas nesse mesmo estatuto, usufruindo assim de todos os direitos de uma pessoa com deficiência.”

Fonte: dados da pesquisa.

A Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), na qual foi assinado e ratificado pelo Brasil, tornando-se Emenda Constitucional (Brasil, 2009).

Consolida em seu 3º artigo, os princípios gerais, o direito da pessoa com deficiência de determinar suas próprias escolhas, a igualdade de oportunidades, autonomia e acessibilidade, participação irrestrita, efetiva e inclusiva na sociedade, direito à não discriminação, entre outros como o respeito à dignidade inerente (Brasil, 2009).

A Convenção, tornou-se fundamento para a instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), designada para garantir e proporcionar o pleno exercício dos direitos da pessoa com deficiência (Brasil, 2015).

Desse modo, o sexto artigo da LBI apresenta perspectivas importantes acerca da sexualidade da pessoa com deficiência. Sendo assim, atesta que a deficiência não afeta a capacidade civil do indivíduo para ter um relacionamento, concretizar seus direitos sexuais e reprodutivos, além de constituir uma família.

No entendimento de Zerbinati e Bruns (2017), a sexualidade é um construto essencial para a formação da identidade, no qual é construído em consonância com o contexto sociocultural que o indivíduo encontra-se inserido, além disso contempla as oportunidades de desenvolvimento, as vivências associadas e afetivo-sexuais por toda vida.

No entanto, a família e a sociedade, manifestam resistência em compreender e reconhecer que os autistas possuem o desejo de nutrir relacionamentos afetivos e sexuais e apresentam demandas e experiências diversas quanto a sua sexualidade (Brilhante *et al.*, 2021)

Ademais, a Lei Brasileira de Inclusão indica a necessidade do desenvolvimento da autonomia com objetivo de promover a participação do

indivíduo de modo integral na sociedade. Corroborando com o supracitado, Mellos (2001, p. 28) enfatiza a importância da família contribuir para o desenvolvimento da independência e autonomia de crianças autistas.

Rosende e Vital (2008) argumentam que, apesar do Brasil possuir uma legislação específica para as pessoas com deficiência, essa comunidade permanece compondo a estatística de exclusão social em diversos âmbitos da sua vida, seja no profissional, social, acadêmico.

Nesse cenário, Conceição, Escalante e Silva (2021) afirmam que o trabalho é primordial para o desenvolvimento pessoal de pessoas com deficiência, dado que favorece a promoção da autonomia, da autoconfiança e da interação social. Outrossim, está previsto na legislação desde 2012, com a promulgação da Lei nº 12.764 conhecida como Lei Berenice Piana, implementou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que prevê em suas diretrizes a integração do autista no mercado de trabalho.

Diante do exposto, Eryk Nakamura é um exemplo concreto de inclusão de autistas no mercado de trabalho, que por intermédio da parceria da Specialisterne — ONG dinamarquesa que habilita jovens autistas para o mercado de trabalho —, com o Banco Itaú, passou a trabalhar no Itaú Unibanco. Formado em banco de dados, Eryk, alterou um código complexo QSL que possibilitou um processo que durava 48 horas, durar 7 horas, ou seja, um ganho eficiente de 41 horas para a empresa (Olivette, 2018).

A categoria “Posts pessoais, polêmicas, críticas e preconceitos” reuniu postagens de cunho pessoal e crítico, que subdividiu-se em 3 categorias: “Posts pessoais”, na qual encontram-se postagens de caráter pessoal como relato de passeios, hobbies, vivências pessoais e cotidiano; “Polêmicas e críticas”, pertencem a essa subcategoria publicações sobre polêmicas e críticas relacionadas ao TEA, como, a possibilidade do autista “sair do espectro”; “Preconceito e capacitismo”, elenca os relatos e luta de autistas contra a desinformação enraizada sobre o espectro, que consequentemente ocasiona situações de preconceito e capacitismo (Quadro 4).

Quadro 4 – Posts pessoais, polêmicas, críticas e preconceitos

Posts pessoais, polêmicas, críticas e preconceitos	
Posts pessoais	Perfil nº 001 “Hoje foi um dia muito especial onde levei as duas obras que eu produzi especialmente para o Museu dos Brinquedos. Agora elas fazem parte da exposição permanente do museu.”
Polêmicas e críticas	Perfil nº 006 “Essa ideia do termo anjo azul, dizem que é referente a ingenuidade do autista, e azul por ser mais prevalente em meninos. Bom, não é tão prevalente assim, sabemos que o que acontece hoje em dia, é que meninas são subdiagnosticadas, e recebem diagnósticos errados, e tratamentos errados. Também usam o termo anjo pra referir a pureza do autista, e já tá na hora de acabar com isso. Autista é ser humano, vai namorar, vai beijar na boca, vai sofrer, e autista não é um ser puro e isento de maldades não.. existem autistas que manipulam, que mentem, então esse termo que remete a pureza, não é válido mais. Tá na hora de desconstruir isso. Somos realmente mais ingênuos e facilmente enganados em certas situações, mas isso não nos faz anjinhos puros e azuis.” Perfil nº 003 “O que nunca, jamais acontece é o autista sair do espectro. Progredimos, mas como autistas o resto da vida.” Perfil nº 008 “Devemos buscar tratamentos com comprovação científica que ajudem a dar mais autonomia para o indivíduo autista, sempre respeitando suas individualidades. Jamais pensando numa cura ou em sair do espectro.”
Capacitismo	Perfil nº 030 “Capacitismo. Devido ao capacitismo, a sociedade enxerga os PcDs como pessoas incapazes, que possuem vidas ruins por serem PcDs, problemáticas, aprisionadas, inferiores, ou seja, possuem visões deturpadas, pois são preconceituosas. Desumanização dos PcDs. As pessoas capacitistas não conseguem enxergar PcDs como humanos. Então, quaisquer atos e conquistas pessoais são invisibilizados e colocados, apenas, como objeto para servir de inspiração, motivação e superação para as pessoas sem deficiência.” Perfil nº 017 (...) “Nós crescemos, e nos tratar como crianças também é uma forma de capacitismo. Esse é um assunto muito importante pois muitas vezes nos

	tratam como crianças por duvidarem de nossas capacidades. Não apenas dos autistas, mas de pessoas com outras deficiências também.”
--	--

Fonte: dados da pesquisa.

A subcategoria “*Posts* pessoais” organiza sistematicamente publicações sobre o cotidiano, conquistas pessoais e profissionais, que favorecem a percepção de que o autista tem uma vida que pode ser compartilhada em primeira pessoa, nas redes sociais. O autista, ao contrário do que é difundido, tem vida, vai a praia, passeia sendo um direito previsto na Lei nº 13.146 em seu art. 42 no qual prevê o direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer (Brasil, 2015).

A subcategoria Polêmicas e críticas, demonstrou que o *Instagram* de jovens e adultos autistas, além de ser usado como um veículo de compartilhamento de informações pessoais, também é utilizado como um canal de ativismo.

O termo “sair do espectro” carrega a possibilidade de cura do TEA, sendo o pressuposto de cura bastante criticado por jovens e adultos autistas. Nesse contexto, a literatura expõe que o autismo não possui cura, no entanto, a intervenção individualizada com uma equipe multidisciplinar oferece maior qualidade de vida. Tendo em vista, que o tratamento tem como objetivo desenvolver a autonomia e interação entre pares (Fernandes e Silva, 2023; Freitas e Revoredo, 2022; Mozel, 2023).

Nesse contexto, outro termo amplamente criticado pela comunidade autista é o uso do termo “anjo azul” por sugerir a concepção enraizada no meio social atrelando o autismo à incapacidade, à infantilização e fomenta o estereótipo de um ser inocente e celestial. Ademais, colabora diretamente com a inviabilização do autismo feminino e com a negativa da sexualidade dos autistas (Alves, 2021; Brillhante *et al.*, 2020).

Como apontado por Vendramin (2019), o capacitismo simboliza a leitura feito de pessoas com deficiência, reconhecendo que sua condição física as rotula como incapazes, excluindo as variadas oportunidades de poder ou não fazer determinada ação.

Outrossim, o capacitismo encontra-se enraizado na sociedade em situações e afirmações provenientes do conhecimento do senso comum, em que excluem e

negam seus direitos, uma vez que atrelam diretamente a imagem da pessoa com deficiência a um estereótipo pré-concebido do preconceito naturalizado no meio social sobre o que é diferente do considerado padrão (Sartorelli, Fonseca e Pinto, 2023; Vendramin, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o Transtorno do Espectro Autistas (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, além de padrões recorrentes e restritos de predileções e comportamento (DSM-V-TR, 2023).

A presente análise documental viabilizou uma visão abrangente sobre o que jovens e adultos autistas trazem sobre seus conhecimentos, experiências e vivências acerca do espectro, contribuindo para a construção científica sobre a temática nesse estágio do desenvolvimento, desse modo, colaborando diretamente para a diminuição da escassez de estudos sobre o TEA em jovens e adultos.

Embora, seja notório o crescimento exponencial de pesquisas no âmbito acadêmico sobre o autismo, nos últimos anos, persiste a carência de produções científicas sobre as especificidades do transtorno na juventude e maior idade, conforme averiguado nesse estudo.

Com relação aos objetivos de analisar a produção de conteúdo no Instagram sobre o tema autismo por jovens e adultos autistas brasileiros, além de (1) categorizar os conteúdos produzidos no Instagram por jovens e adultos autistas e (2) analisar os conteúdos produzidos no Instagram por jovens e adultos autistas. Nesse contexto, reconhece-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, entretanto, não a torna isenta de limitações.

Portanto, destacou-se as principais dificuldades e limitações da pesquisa como sendo encontrar publicações sobre o TEA na juventude e idade adulta, com uma abordagem específica para esses estágios do desenvolvimento e que trazem o jovem e adulto autista como público principal da pesquisa; pouquíssimos artigos considerando suas perspectivas e opiniões. Sendo a maioria dos artigos voltados para as crianças e a visão da família e do profissional acerca da criança autista.

Diante do exposto, aspirando amplificar a literatura sobre o tema, propõe-se a comunidade acadêmica aprofundar os dados sistematizados nesta

pesquisa, de modo a ampliar e contribuir com debates e estudos sobre a temática que garantam o espaço de fala à pessoa autista sobre suas vivências, experiências e conhecimento sobre o espectro. Ademais, recomenda-se o desenvolvimento de novos estudos, empíricos e teóricos, acerca da questão em cerne, além de pesquisas com recorte temporal mais atual para coleta de publicações.

7 REFERÊNCIAS

ABRAÇA. **Manifesto**: autistar é resistir! Identidade, cidadania e participação política. 2019. Disponível em: <<http://abraca.autismobrasil.org/manifestocampanha2019>>. Acesso em: 5 out. 2024.

A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada / Coordenação de Ana Paula Crosara de Resende e Flavia Maria de Paiva Vital. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

ALMEIDA, Fernanda Saraiva et al. Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia**, v. 54, n. 1, p. 85-95, 2021.

ALVES, F. G. **Ser diferente é normal**: a expressividade do self de pessoas autistas em mídias digitais da internet e suas lutas por reconhecimento. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2021.

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira et al. O Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na Fase Adulta: Uma Scoping Review. Id on line: **Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 18, n. 71, p. 1-18, maio 2024.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAYRAM, A. Burcu; HOLMES, Marcus. Feeling their pain: affective empathy and public preferences for foreign development aid. **European Journal of International Relations**, v. 26, n. 3, p. 820-850, 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm?c=atila>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 417-423, 2021.

Brites, Luciana; Brites, Clay. **Mentes únicas**. São Paulo: Loope, 2019.

BUTERA, Christiana D. et al. Relationships between alexithymia, interoception, and emotional empathy in autism spectrum disorder. **Autism**, v. 27, n. 3, p. 690-703, 2023.

CAITITÉ, Amanda Muniz Loeto. **O autismo como diversidade: ontologias trazidas à existência no ativismo político, em práticas da psicologia e em relatos em primeira pessoa**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CAMPOS FERREIRA DA SILVA, A.; DE LIMA ARAÚJO, M.; TOLEDO DORNELAS, R. A importância do diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista. **Psicologia & Conexões**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/psicologiaeasconexoes/article/view/3153>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. dos S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 33-44, 2022. DOI: 10.47180/omij.v3i1.142. Disponível em: <<https://openminds.emnuvens.com.br/openminds/article/view/142>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CRIPPA, José Alexandre de Souza (Coord.). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

COIMBRA, Bruna Santiago et al. Abordagem odontológica a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 94293-94306, 2020.

DA CONCEIÇÃO, Leon Ramires; DE FREITAS ESCALANTE, Núbia Regina; DA SILVA, Francielle Molon. Autistas no mercado de trabalho: análise sobre as ações e práticas inclusivas. **Gestão Contemporânea**, v. 11, n. 2, p. 203-221, 2021.

DE QUEIROZ, Ivan Ros Isaac; GARCIA, Paloma Popov Custódio. Transtornos alimentares em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA). **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, p. e27811931771, 2022.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Carla Christhina Cavati de; REVOREDO, Juliana Ribeiro de Souza. REVISÃO LITERÁRIA: DIAGNÓSTICO TARDIO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA. 2022.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; DE LIMA CAVALCANTI, Alessandra. Breve ensaio sobre métodos de intervenção para crianças com autismo. **Revista Cesumar—Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 28, n. 1, p. 51-58, 2023.

GADIA, C.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Jornal de Pediatria, 2004.

GONÇALVES, Acrísio Luiz et al. Diagnóstico e intervenção precoce no autismo: relatos de práticas profissionais. **Diaphora**, v. 10, n. 1, p. 31-39, 2021.

HOFFMAN, M. L. Empathy and moral development: implications for caring and justice. New York: Cambridge University Press, 2000.

KAPP, Steven K. et al. 'People should be allowed to do what they like': Autistic adults' views and experiences of stimming. **Autism**, v. 23, n. 7, p. 1782-1792, 2019.

LIMA, Cristiano Weiss Martins de. Sintomas sensoriais no transtorno do espectro autista: análise em crianças e adolescentes verbais e não-verbais. 2021.

LOPES, B. A. Autismo, narrativas maternas e ativismo dos anos 1970 a 2008. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 3, p. 511–526, jul. 2020.

NEUMEIER, S. M. "Para Siri com amor" e o problema com a neurodiversidade lite. 2018. Disponível em: <<https://rewirenewsgroup.com/2018/02/09/siri-love-problem-neurodiversity-lite/>>. Acesso em: 5 out. 2024.

MELLO, Ana Maria S. Autismo: guia prático. 2001.

MERCADO, W. I. ASD - Early diagnosis with reflections on the quality of life of the child and family. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 15, p. e544111537482, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i15.37482. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/37482>>. Acesso em: 5 out. 2024.

MENEZES, Michelle Zaira Maciel. **O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta**. 2020. 36 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), FAF -

Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35946>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOZEL, Adriana. Autismo. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. e412630, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i1.2630. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2630>>. Acesso em: 9 out. 2024.

PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): Pessoa com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf>. Acesso em: 5 out. 2024.

RIBEIRO, Laura Araujo et al. Abordagem geral do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 4, p. e12807-e12807, 2023.

RIOS, Clarice. "Nada sobre nós, sem nós"? O corpo na construção do autista como sujeito social e político. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 212-230, 2017.

SANTOS, Rubia Tatielle. **Pandemia da Covid-19 e qualidade de vida: análise dos possíveis impactos decorrentes das restrições às interações sociais em crianças autistas em Goiânia-GO**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão dos Serviços de Hospitalidade) – Instituto Federal de Ciência Educação e Tecnologia de Goiás, 2022.

SARTORELLI, Helisa; ABREU FONSECA, Kátia; PAULA BOCARDO NUNES PINTO, Naiana. O capacitismo no Transtorno do Espectro Autista. Revincluso - **Revista Inclusão & Sociedade**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 19, 2023. DOI: 10.36942/reincluso.v3i2.694. Disponível em: <<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/reincluso/article/view/694>>. Acesso em: 7 out. 2024.

SILVA, N. M. da. Dificuldade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 16, p. e11000, 14 set. 2022.

SHI, Li-Juan et al. Relationships between alexithymia, interoception, and emotional empathy in autism spectrum disorder. **Asian Journal of Psychiatry**, v. 53, p. 102167, 2020.

SOUZA FERNANDES, M. H. de; COSTA E SILVA, A. L. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): breve história para uma longa discussão. **Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão**, [S. l.], v. 8, n. 15, 2023. DOI:

10.47224/revistamaster.v8i15.252. Disponível em: <<https://revistamaster.emnuvens.com.br/RM/article/view/252>>. Acesso em: 5 out. 2024.

THIBAULT, Ronnie. Can autistics redefine autism? The cultural politics of autistic activism. **Trans-scripts**, v. 4, p. 57-88, 2014.

OLIVETTE, C. Companhias contratam profissionais com autismo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2018.

VASCONCELOS FILHO, J. M.; COUTINHO, S. **O ativismo digital brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, v. 2, p. 16-25, 2019.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.

ZWAIGENBAUM, Lonnie; BRIAN, Jessica A.; IP, Angie. Early detection for autism spectrum disorder in young children. **Paediatrics & Child Health**, v. 24, n. 7, p. 424-432, 2019.

AGRADECIMENTOS

“Nada acontece que Deus não tenha previsto desde toda eternidade”
Santa Teresinha

Gostaria de agradecer profundamente a todos que contribuíram para a realização e construção, não apenas desse trabalho, mas de toda minha jornada acadêmica.

Obrigada Senhor, por todos os momentos maravilhosos e difíceis dentro da universidade. Obrigada por fazer a Tua vontade em minha vida e por me ensinar a trancos e barrancos a me abandonar na Tua graça.

Obrigada Nossa Senhora, eu não estaria escrevendo esse TCC se não fosse por cada terço rezado na certeza de que eu não estava sozinha. Obrigada por dar o conforto a minha alma.

Obrigada coroas, esse TCC é de vocês. Pai, obrigada por ter sido o meu incentivo, minha casa no início do curso; não existem palavras para descrever o quanto eu sou grata por todos os abraços e apoio do melhor pai do mundo durante o caos do PI. Mãe, obrigada por ser minha fortaleza e calma, foi esse abraço que me fez passar por todas as turbulências e incertezas da universidade. Kerlly e Vera, não existiria Kethelyn sem vocês, obrigada por cada puxão de orelha.

Obrigada Guga, por ser o irmão mais insuportável de todos e por sempre estar ali quando eu mais preciso. Amo você, meu co-produtor.

Obrigada Bibis, por ser uma dose quase diária de alegria e loucura. Obrigada Laura e Vitória, por todo apoio e por nunca me abandonar. Obrigada Kevin, por ser calmo (quase parando), mas que me fazia desacelerar e enxergar como as coisas são simples. Obrigada Chrystiano, por todo apoio e por me ajudar (muito) nessa reta final, com a construção do meu TCC. Obrigada Mabi, por toda ajuda e por ser sempre um amor toda vez que eu ia te aperrear com dúvidas e pedido de socorro. Amo vocês.

Obrigada à minha orientadora Thereza Sophia, pela sua orientação. Muito além desse TCC, obrigada, por ensinar sobre como ser uma excelente profissional e ser humano, através da responsabilidade e do cuidado com o outro. Obrigada por cada conselho, orientação e correção. A senhora foi essencial para a construção desse trabalho.

Obrigada a banca examinadora, Lilian Galvão. Sem a senhora e sua orientação na iniciação científica não existiria esse trabalho. Obrigada por todas as correções, a senhora me ensinou sobre responsabilidade, empatia e postura, além disso, obrigada por cada momento e por acreditar em mim para assumir o projeto (quando eu mais duvidava), guardo o PIBIC no meu coração.

Não consigo externar em palavras o quanto as professoras Thereza e Lilian marcaram a minha caminhada acadêmica e a minha vida. Mas, deixo aqui meu singelo: muito obrigada!

Não poderia esquecer das melhores pessoas desta universidade. Obrigada Amanda, Duda, Thais e Roberta por cada risada, por cada surto, por cada momento compartilhado; obrigada por fazerem os meus dias mais alegres e mais leves. Amo vocês e não imagino estar nesse curso sem vocês. Ah! Obrigada minha dupla (Thais), por cada estresse, cada arenga, cada risada e puxão de orelha, obrigada por sempre acreditar em mim.

Obrigada Celso, meu bem, por todo o apoio e cuidado durante esse processo, não sei o que seria de mim sem você. Te amo.

Agradeço de todo coração aos meus avós, Emilse e Erimateia, pelo apoio e pelas palavras de conforto para que eu não desistisse. Obrigada por todas as orações e cuidado.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção e conclusão deste trabalho: Muito obrigada!